

Um mergulho na floresta

Dois séculos depois de Humbolt, 39 pesquisadores da UnB viajam 9 mil km pela Amazônia

CAROLINA NOGUEIRA

Em 1799, o cientista Alexander Humbolt percorreu 7 mil quilômetros na Amazônia venezuelana, elaborando o primeiro registro científico da história da região. Esse ano, mais de dois séculos depois, uma equipe multidisciplinar da Universidade de Brasília resolver seguir os passos do naturalista alemão. Em 63 dias de viagem, 39 pesquisadores estiveram observando, estudando e registrando os detalhes de mais de 9,2 mil quilômetros da mesma mata, para fazer um novo retrato da região, e compará-lo com os antigos registros.

"Foi um mergulho numa diversidade tão densa que, por mais que o estudioso leia e pesquise, nunca imagina o que é, até que chegue lá", disse o professor Victor Leonardi, coordenador do projeto. O projeto, que foi batizado de Expedição Humbolt em homenagem ao cientista, começou a ser alinhavado há mais de três anos. Com um orçamento de cerca de R\$ 175 mil, arrecadados com o Ministério do Meio Ambiente e com a iniciativa privada, a Expedição saiu do papel no dia 1º de setembro desse ano: 39 pesquisadores da UnB e de outros centros de pesquisa do Brasil e do exterior embarcaram no Caribe venezuelano rumo ao Oceano Atlântico, em Belém do Pará. Ao contrário do que aconteceu com o próprio Humbolt - que foi impedido de seguir viagem a partir da entrada no Pará por ordens do governo do estado - a Expedição da UnB finali-

zou o itinerário na quinta-feira da semana passada.

Foram, ao todo, 9,2 mil quilômetros percorridos no leito de 15 rios diferentes, presentes em quatro estados brasileiros e dois venezuelanos, a bordo de três barcos que se transformaram em universidades flutuantes. "Tinha tudo o que é equipamento: microscópio, ar comprimido, material de coleta, uma biblioteca amazônica e até uma sala com ar condicionado que ficou sendo o nosso laboratório", conta o professor Victor. Nos 63 dias de viagem, os especialistas recolheram materiais que servirão de base para anos de pesquisa.

"O mais maravilhoso dessa expedição foi ver, claramente, a interrelação entre as diversas ciências", disse o médico Jackson Semerene Costa, da UFG, que participou da viagem pesquisando a questão sanitária das populações ribeirinhas. "Nos faz ver que não podemos tratar a saúde, como ademais nenhuma outra ciência, como algo isolado", completou. A multidisciplinaridade é, de fato, a grande vedete da expedição. Nos 39 "tripulantes", representantes de 18 áreas diferentes de pesquisa: amostras de água dos rios conviviam pacificamente com morcegos capturados, gravações de cantos de pássaros ou resquícios de sítios arqueológicos. "Dá para dizer, sem exageros, que a Expedição foi um sucesso, principalmente pela forma harmônica como a multidisciplinaridade funcionou em cada uma das etapas da viagem", disse Victor Leonardi.

O trajeto da expedição



Foram 63 dias de viagem, percorrendo 15 rios diferentes, e 9,2 mil quilômetros

Descoberto novo sítio arqueológico

Das várias pesquisas realizadas na Expedição - em Microbiologia, Hidrologia, Geoquímica Ambiental, Saúde Pública, Engenharia Florestal, Botânica, Fisiologia de Germinação, Ornitologia, Mastozoologia, Oceanografia Biológica e Ecologia de Estuários, Arqueologia, Antropologia, História, Economia dos Recursos Naturais e Políticas Públicas, Astronomia, Política Indigenista e Ambiental e até Alimentação e Culinária - se destacam, principalmente, a descoberta de um sítio arqueológico até então desconhecido e o desenvolvimento do projeto Pingo D'Água.

O novo sítio arqueológico fica a cerca de 60 quilômetros de Manaus (AM) e sua descoberta foi comemorada por toda a equipe de expedicionários. Os dois pesquisadores responsáveis pela pesquisa são do Museu Amazônico de Manaus. "As avaliações preli-

minares são de que o sítio tenha mais de dois mil anos, com vestígios de elementos até do período pré-histórico", disse o professor Victor Leonardi, coordenador da Expedição Humbolt.

Mas a "menina dos olhos" da coordenação de expedição é, sem dúvida alguma, o projeto Pingo D'Água, que deve trazer resultados imediatos para uma comunidade do estado do Amapá. As comunidades ribeirinhas do estado sofrem com a falta de saneamento e a poluição das águas, que levam doenças incontroláveis aos mais carentes.

"O projeto consiste simplesmente em captar a água que nos cai do céu de graça", disse Nelson Soriano Wanderley, responsável pelo projeto. De lá, a água é mineralizada, clorificada e encaminhada, aproveitando a lei da gravidade, às comunidades.

Sorte sua:
sempre que o DDD da cidade
começar com 4, 5 ou 6,
use o 14. É mais barato.



14
O DDD DAQUI

